

NUNO MIGUEL PROENÇA*

JAMES E FREUD: ESTÉTICA DAS EMOÇÕES E FIOLOGIA DOS AFECTOS

Questões

Pelo facto de estar aberta ao *inesperado* que a pode surpreender, tanto por meio da sua *percepção interna* como por meio da sua *percepção externa*, a actividade subjectiva é também *passibilidade*. Somos passíveis do inesperado... e esta passibilidade revela-se tanto na forma como somos afectados pelas nossas modificações internas, como na maneira como os eventos exteriores nos transformam. Aquilo “que acontece”, interiormente ou exteriormente, implica-nos e diz-nos respeito. É nesse sentido que *nos* acontece, implicando a nossa interioridade afectiva e emocional no que é dado perceptivamente. Tanto a sensibilidade como a expressividade, abertas ao porvir do evento e enlaçando-se ao prazer e à dor que o acompanham, assim como a formas de aceitação e de recusa que estes sinalizam, parecem dar a entender que a afectividade partilha com as emoções um campo *qualitativo* que as liga irremediavelmente à estética, no sentido em que esta, antes de se tornar numa doutrina da arte e do belo, se ocupa da *aisthesis* e diz respeito à *manifestação* fenomenal e aos sensorios internos e externos.

Mas, será que sem uma relação originária a outrem e ao semelhante, sem uma transformação das necessidades naturais e orgânicas em significados partilháveis, tanto os afectos como as emoções, suscitados pela percepção interna das modificações do corpo e da mente, como pela percepção externa ainda “nos” diriam respeito? Será que ainda teriam relação com cada um de nós e com a forma subjectiva de compreender e de avaliar o que acontece?

A inspiração neuro-fisiológica comum a James e a Freud

Pelas hipóteses que formulam, o pensamento da emoção de William James e a reflexão freudiana sobre os afectos (tal como a encontramos num primeiro esquisso do apa-

* Pós-Doutorando no CHAM da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

relho psíquico) permitem responder em detalhe a cada uma destas perguntas, dando a entender que a afectividade e a emoção, acompanhando necessariamente a vida subjectiva consciente do sujeito, se encontram no cerne da actividade cognitiva e moral, fundando ambas numa impossível indiferença a outrem e ao mundo. No entanto, e tendo em conta as diferenças fundamentais entre ambos que tanto no percurso como nos intuitos da investigação que levaram a cabo, é difícil expor estes pontos comuns sem antes retomar algumas etapas essenciais a cada uma delas.

Existem dois trabalhos fundamentais de William James sobre as emoções. O primeiro, com data de 1884, é um artigo, publicado no volume nove da revista *Mind*, enquanto que o segundo, constitui o capítulo XXV dos *Principles of Psychology*. O artigo a que nos referimos tenta responder a uma pergunta formulada de maneira simples: «What is an emotion?». É esta pergunta que lhe dá o título e que orienta a reflexão que nele leva a cabo tentando, simultaneamente, ter em conta a investigação neuro-fisiológica do seu tempo e romper com ela. O capítulo «Emotions » da vasta obra de 1890 desenvolve largamente a hipótese central do artigo em proximidade com uma doutrina alargada dos instintos e das impulsões. Qualquer dos dois trabalhos insiste na realidade fisiológica das nossas vidas, ligando-a à dimensão estética e dando-nos a entender, de forma profunda, o quanto a nossa vida mental está inteiramente alinhavada à nossa constituição corpórea.

É igualmente a realidade neuro-fisiológica que está no cerne da investigação freudiana sobre o aparelho psíquico, tal como ela decorre no seu *Esquisso de uma Psicologia Científica*, com data de 1895. O abandono posterior desta tentativa explicativa não implicou, por parte de Freud, um abandono de muitas das hipóteses, ideias e sugestões que encontramos neste trabalho, em particular no que diz respeito à definição dos afectos. Mas, o nosso propósito não é o de estudar a forma como neste escrito se encontra já o essencial da descrição e da caracterização dos afecto como expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações, tal como a encontramos no conjunto da obra de Freud, nem o de acompanhar as suas sucessivas elaborações em relação com outras noções essenciais da metapsicologia (o que seria retomar, menos bem e de forma impossívelmente sucinta a investigação de André Green em *Le discours Vivant*¹). Neste período “neurofisiológico”, e no que aos afectos respeita, queremos antes indicar a existência de alguns pontos comuns com a investigação que William James², se bem que a motivação inicial do trabalho do filósofo norte-americano pareça ser inteiramente diferente daquela que leva Freud a querer fundar a psicologia numa neurologia, para fazer da primeira um ramo das ciências da natureza.

O que motiva o estudo das emoções, nos trabalho de James, parece ser, pelo contrário, uma insuficiência da investigação científica, porque «os fisiólogos que, durante os passados anos, têm explorado de forma tão empreendedora as funções do cérebro, limi-

¹ GREEN, André, *Le discours vivant*, Presses Universitaires de France, Paris 1973.

² Em nenhum momento do trabalho de Freud há uma referência explícita ao trabalho de James e, antes de mais pela sua anterioridade cronológica, também não encontramos nenhuma referência a Freud nos trabalhos de James, apesar das obras do psicanalista não lhe terem passado de todo despercebidas, como no-lo reporta Ernst Jones. Ao final da série de conferências que Freud proferiu em Worcester, James terá dito ao médico de Viena que o futuro da psicologia dependia do trabalho deste.

taram as suas tentativas de explicação ao seu desempenho cognitivo e volicional [...], mas *a esfera estética da mente*, as suas aspirações, os seus prazeres e as suas dores, e as suas *emoções* têm sido [...] ignoradas em todas estas pesquisas³». Por outro lado, os trabalhos de psicologia, nomeadamente os de psicologia científica, quando tentam aproximar as emoções, e porque nunca nos dão um ponto de vista central ou um princípio gerador simples, «distinguem refinam e especificam *in infinitum* sem nunca passarem a um outro nível lógico⁴» de tal modo que a literatura meramente descritiva das emoções é, segundo James, uma das partes mais entediantes da psicologia. E não só é entediante, como sentimos que «as suas subdivisões são em grande parte ou *fictícias* ou *sem importância*, e que as suas pretensões em ser precisa são um logro. Infelizmente, há poucos escritos psicológicos sobre as emoções que não sejam descritivos⁵».

As insuficiências da neurologia no estudo das emoções

O que falta, então, à fisiologia do cérebro que lhe possa ser trazido por uma caracterização das emoções que não seja descritiva? A ideia fundamental de James segundo a qual, «os processos cerebrais da emoção não só se parecem com os processos cerebrais sensoriais, *como na verdade não são senão esses mesmos processos variadamente combinados*⁶». Em vez de implicarem centros neurológicos separados e especiais, que lhes estariam unicamente afectados, as emoções correspondem a processos que tem lugar nos centros sensórios e motores que já foram identificados, ou noutros idênticos, que ainda não foram mapeados. «Se tal teoria for verdadeira, então cada emoção é o resultado de uma soma de elementos, e cada elemento é causado por um processo fisiológico de um género já bem conhecido. Os elementos são todos modificações orgânicas, e cada um deles é o *efeito reflexo do objecto excitante*⁷». Quer isto dizer que, por mais variadas que sejam as emoções, esta tese de fundo as identifica permanentemente aos estados e às modificações do corpo que acompanham a relação perceptiva e volitiva com os objectos e que, qualquer que seja a modificação, ela é sentida. Há por isso que notar, segundo James, que todas as *mudanças corpóreas*, quaisquer que sejam, são sentidas, de forma intensa ou obscura, no momento em que têm lugar⁸.

O que é, portanto, a emoção? É o nosso sentimento das mudanças do nosso corpo que resultam directamente da percepção do objecto ou do facto excitante. A emoção é a mudança corpórea, é a sua vertente subjectiva, não é uma consequência destas transformações nem é uma expressão das mesmas, de modo que as emoções são parte integrante da subjectividade e da sua vivência própria. «As mudanças do corpo resultam directamente da percepção do facto excitante, e *o nosso sentimento destas mudanças ao ocorrerem é a emoção*⁹». Quer isto dizer, de igual modo, que não há percepção sem

³ JAMES, William, «What is an emotion?», *Mind*, 9 (1884) p. 188.

⁴ JAMES, William, *Principles of Psychology*, volume 2, Dover Publications, p. 448.

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, p. 453.

⁸ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit. p. 451.

⁹ JAMES, «What is emotion?», art. cit., p. 189.

emoção e que a emoção faz parte dos processos fisiológicos e neurológicos próprios à percepção, de maneira que estes nunca são puramente cognitivos. «Sem os estados corpóreos que acompanham a percepção, esta seria puramente cognitiva quanto à sua forma, pálida, sem cor, destituída de calor emocional¹⁰». O reverso também é impossível: da mesma forma que não há percepção sem emoção, não há emoção desprovida da dimensão corpórea. James chama assim a nossa atenção para o facto de uma emoção humana sem corpo ser uma não entidade, de forma que, no que nos respeita (se bem que isso não seja contraditório em termos lógicos) *a emoção dissociada de qualquer sentimento corpóreo é inconcebível*.

Quanto mais olho de perto para os meus estados, mais fico persuadido que quaisquer que sejam os meus humores, as minhas afecções, as minhas paixões são muito verdadeiramente constituídas por, e feitas destas mudanças corporais a que habitualmente damos o nome de sua expressão ou consequência; e mais me parece que se tivesse de me tornar corporeamente anestético, deveria ser excluído da vida das afecções, quer da dureza quer da ternura, e levar uma existência de forma meramente cognitiva ou intelectual¹¹.

Que a emoção tenha uma realidade corpórea e fisiologicamente identificável (e porque ela é o sentimento subjectivo das transformações do corpo) não desvirtua a vivência subjectiva dos conteúdos emocionais nem a autenticidade da sua relação com os objectos que a suscitam. O facto das emoções serem inteiramente corpóreas não leva à conclusão de que sejam só realidades corporais, no sentido depreciativo em que o aspecto fisiológico lhes tiraria qualquer valor, nem no sentido exclusivo em que, por se situar no plano suposto da realidade (objectiva) suprimiria a sinceridade e a veracidade do que é vivido por cada um de forma subjectiva e constitui a sua interioridade.

As nossas emoções têm sempre de ser interiormente o que são, qualquer que seja o solo fisiológica da sua aparição. Se são factos espirituais profundos, puros, valiosos, abstracção feita de todas as teorias que se podem conceber sobre a sua origem fisiológica, não permanecem menos profundas, puras, espirituais e dignas de apreço nesta teoria sensorial. Trazem com elas a sua própria medida interior de valor; e é tão lógico usar a presente teoria das emoções para provar que os processos sensoriais não são necessariamente vis e materiais, como usar a sua vileza e materialidade para provar que uma teoria destas não pode ser verdadeira¹².

A dimensão corpórea da emoção, diz-nos James, é o caso tanto para as emoções a que podemos chamar grosseiras como para as mais subtis, que são «os sentimentos morais, intelectuais e estéticos¹³». Mas esta dimensão é certamente mais fácil de admitir no que respeita às primeiras, como a tristeza, o medo, a raiva, em que «toda a gente reconhece um reverberação orgânica forte¹⁴» do que nas emoções mais subtis, como o encanto, o amor, a ambição, a indignação e o orgulho, tidas como «aquelas cuja rever-

¹⁰ *Ibid.*, p. 190.

¹¹ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 453.

¹² *Ibid.*

¹³ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 468.

¹⁴ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 454.

beração orgânica é menos óbvia e forte¹⁵». Considerados como sentimentos, estas últimas, «são frutos do mesmo solo das sensações mais grosseiras de *prazer* e de *dor*¹⁶». Ambos os grupos são fruto dos afectos, enquanto estes são a forma *qualitativa* inicial de estar no mundo para uma subjectividade viva. Este ponto é comum à investigação do filósofo norte americano e à do psicanalista vienense e não seria difícil encontrarmos, no conjunto da teoria psicanalítica de Freud, múltiplas confirmações desta afirmação do autor dos *Princípios de Psicologia* que levam a crer que a complexidade da vida emocional está constitutivamente enraizada na vivência do corpo, por mais subtil que seja, e que nem mesmo as formas “superiores” da vida civilizacional escapam a esta raiz. No *Esquiso de uma Psicologia Científica*¹⁷, encontramos as formulações iniciais das hipóteses freudianas a este propósito.

O esquema geral do *Esquiso* de 1895

O que nos diz Freud sobre o prazer e a dor e de que forma é que estas formas afectivas estão implicadas na percepção, na vida psíquica e nas realidades morais mais complexas? Responderemos a estas perguntas retomando as teses essenciais do *Esquiso*.

Com o seu esquiso, Freud dá-nos a saber que tentou «fazer entrar a psicologia no quadro das ciências naturais», representando os processos psíquicos como estados *quantitativamente* determinados de partículas materiais, que são os neurónios. É esta quantidade (assinalada como Q, quando é de origem exterior, ou como Qh, quando é interior) que distingue a actividade do aparelho do seu repouso. As partículas materiais, que ora se encontram em movimento em razão de Q, ora se encontram em repouso quando a quantidade de excitação é igual a zero, são os neurónios¹⁸.

Porque esta quantidade se encontra submetida às leis gerais do movimento, *a actividade psíquica pode entender-se como sendo movimento, se a considerarmos objectivamente*, sendo essencial salientar que o sistema neurónico tem uma *estrutura* que serve para reter uma quantidade fora dos neurónios e tem por *função* descarregá-los desta quantidade de excitação. Desta forma, a realidade dos afectos e do desejo, da memória e da consciência, do pensamento e da cognição perceptiva, só se pode compreender tendo em conta as variações quantitativas do aparelho psíquico, quer dizer, tendo em conta *o movimento dos neurónios*, assim como as características dos diferentes grupos de neurónios e das suas fontes de excitação. Freud distingue dois grupos: os que são permeáveis à excitação e permanentemente modificáveis pelas variações de quantidade de excitação, os neurónios da percepção (a que dá o nome de grupo Φ) e os neurónios cujas modificações, trazidas pela quantidade de excitação, são duráveis, não sendo por isso permeáveis: são os do grupo Ψ , onde se incluem os neurónios da memória e da actividade psíquica em geral.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ JAMES, «What is emotion?», art. cit., p. 201.

¹⁷ FREUD, Sigmund, *Entwurf einer psychologie*. As nossas citações são traduzidas da versão francesa, *Esquisse d'une psychologie scientifique*, in *La naissance de la psychanalyse*, trad. francesa de Anne Berman, Presses Universitaires de France, Paris 1956.

¹⁸ FREUD, *Esquisse d'une psychologie scientifique*, op. cit., p. 315.

A estas noções, que permitem descrever um grande número das modificações do aparelho psíquico, vem acrescentar-se uma pergunta relativa à *qualidade* destas variações. Por meio desta noção, Freud quer conciliar a explicação objectiva, que obedece «às exigências das ciências naturais¹⁹» com aquilo que a nossa consciência nos ensina «de forma tão misteriosa²⁰», deixando-nos entender, não só que as propriedades objectivas do aparelho psíquico são ignoradas pela consciência, que só se ocupa com a variação qualitativa, como, por outro lado, que estas vivências qualitativas são o reverso subjectivo das transformações neuronais, sem que haja entre a qualidade consciente e a quantidade objectiva nem uma relação causal nem, por isso, qualquer relação de dependência. A vivência consciente é, quando considerada cientificamente, actividade neuronal. No entanto, e por isso mesmo, é impossível apreender pela consciência os processos psíquicos, de parte dos quais ela é o reverso subjectivo. Por esta mesma razão, Freud qualifica-os de processos inconscientes, que se devem *inferir* a partir de outros fenómenos naturais.

A relação entre quantidade e qualidade, que não é só uma interrogação sobre a relação entre a consciência subjectiva e os processos psíquicos objectivos (mas que a inclui) leva a reflexão freudiana a interrogar-se sobre o *lugar* e a *maneira* em que se produzem as qualidades, já que do ponto de vista fisiológico, a consciência à qual são dadas estas qualidades está incluída nos processos quantitativos Ψ . Por ser necessário responder à pergunta sobre as qualidades, Freud é levado a admitir um terceiro tipo de neurónios, a que dá o nome de «neurónios perceptivos²¹», já que não é possível admitir que a transformação da quantidade em qualidade tenha lugar nem em Ψ nem em Φ . Não pode situar-se no primeiro, porque isso seria contradizer o papel preponderante da consciência e o seu nível superior no sistema neurónico. Não pode situar-se no segundo porque neste só têm realmente lugar a reprodução e a rememoração, que são processos desprovidos de qualidade. Aos neurónios das qualidades perceptivas conscientes Freud dá o nome de ω e inclui-os no sistema W [da palavra alemã *Wharnemung*, percepção]. Estes neurónios, «excitados como os outros durante a percepção, deixam de o ser durante a reprodução e [os seus] estados de excitação fornecem várias qualidades – quer dizer constituem as sensações conscientes²²».

Na oitava parte do *Esquisso*, que diz respeito ao estado consciente, ficamos a saber que Freud situa a sua teoria do estado consciente entre duas teorias e que «foi só com a ajuda de hipóteses complicadas e verdadeiramente pouco evidentes em si que consegui[u] integrar os fenómenos da consciência na estrutura da psicologia quantitativa²³». A primeira destas duas outras teorias é mecanista. Segundo esta, «o estado consciente seria só um simples *adjuvante* dos processos psico-fisiológicos, adjuvante cuja ausência não modificaria em nada o curso dos factos psíquicos²⁴». *Estes processos poderiam decorrer sem serem sentidos*. A outra tese, próxima da de James, afirma que «o estado de cons-

¹⁹ *Ibid.*, p. 327.

²⁰ *Idem.*

²¹ FREUD, *Esquisse d'une psychologie scientifique*, op. cit., p. 328.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p. 330.

²⁴ *Ibid.*, p. 331.

ciência constituiria o lado subjectivo de qualquer facto psíquico e seria assim inseparável dos processos fisiológico-mentais²⁵». Por seu turno, a teoria freudiana apresenta o consciente como sendo «o lado subjectivo *de uma parte* dos processos físicos que se desenrolam no seio do sistema neurónico, quer dizer dos processos perceptivos (processos ω); a ausência de consciência *não passaria sem influenciar* os factos psíquicos mas implicaria a não presença de um elemento emanado do sistema W (ω)²⁶». Quer dizer, por um lado, que há realidades psíquicas não conscientes, que não são oriundas da percepção, mas também, por outro, que a consciência se poderia reduzir à percepção, em relação com os neurónios ψ . No entanto, a vivência consciente e subjectiva não se limita à percepção. Para lá das qualidades sensíveis e da sua relação com os processos psíquicos “superiores”, a consciência inclui as sensações de prazer e de desprazer.

A neuro-fisiologia dos afectos ...

Tendo em conta esta descrição geral do sistema neuronal, da sua estrutura, da sua função, dos vários grupos de neurónios, assim como das relações entre quantidades e qualidades, é possível entendermos a caracterização que Freud faz do prazer e do desprazer à luz do estatuto que dá à dor. Esta última coincide com o falhanço da organização psíquica em razão da qual as quantidades externas são mantidas fora de φ e de ψ . Quando estas quantidades atingem estes dois sistemas neuronais, tem lugar a dor. É por isso que, em geral o sistema neuronal *tende* a fugir da dor, já que tende a evitar o aumento da tensão quantitativa ($Q\eta$). Da mesma forma, o desprazer evita-se segundo a tendência primária à inércia (a uma quantidade de movimento neuronal=0). O desprazer coincidiria com uma elevação do nível da quantidade neuronal interna ($Q\eta$) ou com o aumento da sua tensão, de modo que uma sensação seria apercebida quando a sua quantidade aumenta em ψ . Fugiríamos, por isso, daquilo que aumenta a tensão do sistema neuronal e a diminuição da quantidade de excitação pelo uso da mesma no sistema de motilidade do corpo permitiria reduzir consideravelmente a tensão (e por isso o desprazer). O *prazer*, por sua vez, nasceria dessa sensação de descarga. Prazer e desprazer, diz-nos Freud, seriam as sensações devidas à própria carga, ao próprio nível de excitação produzido na percepção W ²⁷. Quando esta *carga aumenta, há desprazer*, quando diminui é *o prazer que tem lugar* – até ao momento em que já não há de toda carga²⁸. Mas o que é que se passa quando não é possível diminuir a tensão pela fuga ou pelo afastamento em relação à fonte da excitação? É a este nível – que não só nos mostra porque é que a percepção consciente e a afectividade estão necessariamente entrelaçadas (da mesma forma que as emoções fazem parte do sistema da percepção, como nos diz James), como nos mostra que as variações afectivas estão implicadas na relação do interior com o exterior – que se situa a dimensão moral da afectividade.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*, p. 332.

... e a compreensão mútua

Segundo Freud, a descarga da quantidade de movimento causado pelo desprazer pode adquirir uma função secundária, essencial para que *nos* compreendamos mutuamente. O desprazer de que se trata tem razões internas, que são *as urgências da vida*, como a respiração, a fome, a sede, as necessidades digestivas ou a sexualidade. A essa excitação não se pode fugir, como se foge aos estímulos externos. Estes estímulos são oriundos dos próprios elementos somáticos e a excitação só desaparece com a realização de certas condições específicas (comer, respirar, beber, etc.).

«O preenchimento dos neurónios nucleares [não variáveis] em Ψ , escreve Freud, tem por consequência uma necessidade de descarga, um empurrão, que se vai realizar por intermédio da motricidade. A experiência mostra que a primeira via a seguir é aquela que leva a uma *modificação interna* (manifestações emotivas, gritos, enervações musculares), mas já o dissemos, nenhuma descarga deste género faz baixar a tensão já que novas excitações endógenas continuam, apesar disso, a afluir e que a tensão dos neurónios não variáveis se encontra restabelecida²⁹».

A excitação só pode ser suprimida por uma intervenção capaz de diminuir a excitação no interior do corpo. Esta intervenção exige que se produza uma certa modificação no exterior (por exemplo, a comida que é trazida, a proximidade do objecto sexual)³⁰. Só assim intervém um objecto exterior específico que produz uma acção específica, por meios determinados, capaz de suprimir a excitação e o desprazer em que esta se traduz. Esse objecto é forçosamente *uma outra pessoa*, capaz de produzir essa acção, já que, nos seus estados precoces, o organismo humano não tem as capacidades necessárias para provocar esta acção específica. Só com uma ajuda exterior e na altura em que a atenção de uma pessoa que está mesmo a par do que se passa incide sobre o estado da criança é que uma tal acção é levada a cabo. Em razão de uma descarga que se produz na via das mudanças internas (pelos gritos, por exemplo), a criança alertou e suscitou a atenção da pessoa que cuida³¹. A enervação somática, no contexto humano, passa a sinal de desamparo. Encontramos, então, a razão pela qual Freud afirma que «a impotência original do ser humano [se]torna [...] *na primeira fonte de todos os motivos morais*³²», já que a via da descarga da excitação [gritos ou agitação que passam a apelo] adquire desta forma «uma função secundária de uma importância extrema: *a da compreensão mútua*³³». À sua maneira, Freud, tal como James, enraíza a inter-subjectividade na materialidade do campo das *sensações afectivas* mais simples, as de prazer, de desprazer e de dor.

Freud acrescenta ainda à função de descarga da excitação outra dimensão que só indirectamente encontramos nos trabalhos de James (quando este se refere à literatura e à forma como esta nos dá a entender as emoções bem melhor do que qualquer tratado de psicologia...). Essa outra dimensão é a da linguagem, também ela enraizada nas varia-

²⁹ FREUD, *Esquise...*, op. cit., p. 336.

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

ções da quantidade de tensão do aparelho neuronal e nas formas originárias do desamparo e da compreensão mútua. «A enervação da linguagem é, originariamente, uma descarga que se realiza em benefício de Ψ , como por um género de válvula de segurança que serve para regular as oscilações da quantidade³⁴». A linguagem é uma parte da via que leva às modificações internas e, enquanto a acção específica ainda não é conhecida, constitui o único meio de despejo. Esta via adquire uma função secundária, deve atrair a atenção de uma pessoa útil, que habitualmente é o *objecto* desejado, acerca das necessidades e do desamparo da criança e *chama* pela pessoa capaz de suprimir ou de diminuir a insatisfação devida ao aumento interno de excitação. «*Por este meio, que se vai integrar na acção específica, o entendimento com outrem encontra-se assegurado*³⁵». Do desamparo inicial do ser humano, da sua incapacidade em suprir às necessidades resultantes do aumento da tensão interna do seu aparelho psíquico, quer dizer da sua afectividade, resultam também, para além da compreensão, a identificação e o conhecimento, mesmo o conhecimento teórico. Mas de que forma?

«Suponhamos, diz-nos Freud, que o *objecto* apercebido é semelhante [ao sujeito que apercebe], quer dizer, um ser humano. O interesse teórico que suscita explica-se ainda pelo facto de *ter sido um objecto da mesma ordem que trouxe ao sujeito a sua primeira satisfação* (e também o seu primeiro desprazer) e que foi para ele a primeira potência. *O despertar do conhecimento é portanto devido à percepção de outrem*³⁶». Desta percepção decorre, indirectamente, *um conhecimento de si*.

Se seguirmos a investigação de Freud, este conhecimento *tem uma dimensão originariamente analógica*, passa pela identificação e leva ao reconhecimento de outrem. Se os complexos perceptivos que emanam deste *objecto*, que é o semelhante,

«são, em parte, novos e não comparáveis a outra coisa – por exemplo os traços da pessoa em questão (na esfera visual), outras percepções visuais [suscitadas pelo mesmo *objecto*] (por exemplo os movimentos da mão) *lembram ao sujeito as impressões visuais que lhe causaram os movimentos da sua própria mão, impressões às quais serão associados ainda outros movimentos*. Será o caso para outras percepções do *objecto*. Assim, quando este grita, o sujeito lembra-se dos seus próprios gritos e revive as suas experiências dolorosas. O complexo de outrem divide-se assim em duas partes, uma dando a impressão de estrutura permanente que permanece um todo coerente [a antecipação de outrem em geral, diriam certos fenomenólogos], enquanto que a outra pode ser compreendida graças a uma actividade mnemónica, quer dizer, atribuída, a um anúncio que o próprio corpo do sujeito lhe faz chegar [e que assim, podemos acrescentar, tempera a primeira pela história dos encontros do sujeito]³⁷».

Aqui se situa a *raiz afectiva* do reconhecimento e da identificação, fundados na analogia, que acompanham a compreensão e o conhecimento. Mas se esta exhibe uma relação originária a outrem e se dá a entender a maneira como a *objectividade* se forma, não esclarece inteiramente o estatuto dos *objectos* das emoções e dos afectos, no sentido em que estes se relacionam com a memória, que assegura a sua continuidade.

³⁴ FREUD, *Esquise*, op. cit., p. 376.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Ibid.*, p. 348.

³⁷ FREUD, *Esquise*, op. cit., pp. 348-349.

Afectividade e memória

Suponhamos, para entender o papel da memória na afectividade e na constituição de uma continuidade dos objectos, que se trata de um objecto que suscita dor ou sofrimento. Na sua ausência, os traços mnésicos que deixou (em Ψ), e que constituem a sua *imagem mnemónica* são acompanhados da variação de quantidade associada à presença do objecto que criou o desprazer inicial.

Se «a imagem mnemónica do objecto (hostil) [e gerador de sofrimento] se encontra de novo recentemente investida (em razão de novas percepções), as condições são modificadas, não há sofrimento mas algo semelhante ao sofrimento, algo que comporta desprazer e uma necessidade de descarga correspondente ao facto doloroso. [...] No decurso do incidente real que suscitou a dor, foi uma quantidade vinda de fora que provocou nos neurónios inamovíveis uma elevação do nível [de excitação]. Na sua *reprodução*, a única quantidade neuronal ($Q\eta$) que aparece é a quantidade exterior (Q) que investe a lembrança³⁸».

Esta reprodução dá-se no afecto. A reprodução, no que respeita às quantidades, é idêntica à percepção, mas em vez de ser oriunda do exterior, é oriunda do interior do sistema psíquico. A lembrança do que suscitou a dor é igualmente dolorosa. «Somos assim levados a pensar que o investimento das lembranças provoca um desprazer que emana do interior do corpo, um desprazer surgido *de novo*³⁹». E, um pouco depois: «graças ao traçado [entre a imagem mnemónica do objecto hostil e os neurónios que reproduzem quantidades de excitação] *o afecto desagradável é libertado*⁴⁰». A relação entre a memória e a afectividade é a mesma no que respeita à dor, ao sofrimento e ao desprazer, por um lado, ao prazer, à satisfação e ao desejo, por outro. Em qualquer dos casos, tanto o objecto como o movimento reflexo que permite evacuar a tensão deixam rastros mnésicos entre os quais se instaura um tracejado associativo. Devido a uma *associação por simultaneidade*, o objecto e o acto reflexo graças aos quais a excitação desaparece ou diminui, ficam ligados na memória graças a uma conexão dos neurónios Ψ .

«Assim que reaparece o estado de tensão ou de desejo, a carga transmite-se também às (duas) lembranças e reactiva-as. É muito provável que seja a imagem mnemónica do objecto que, antes das outras, seja atingida pela reactivação⁴¹». Assim, escreve Freud, «a satisfação leva a um traçado entre as duas imagens mnemónicas [as do objecto desejado e a do movimento reflexo] e os neurónios nucleares que foram investidos durante o estado de tensão⁴²». Compreende-se assim também a forma como, por repetição da passagem do desprazer ao desprazer por meio das acções específicas trazidas por outrem, se forma pouco a pouco o domínio da exterioridade objectal e objectiva ao qual, no entanto, está sempre associado um teor afectivo que *valoriza* os objectos dados pela percepção.

³⁸ FREUD, *Esquisso*, op. cit., p. 338.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ *Ibid.*

⁴¹ FREUD, *Esquise*, op. cit., p. 347.

⁴² *Ibid.*

Os rastros deixados pelas duas formas de experiência vividas de que falámos [as que geram satisfação e as que provocam desprazer] são os afectos e os estados de desejo. Têm em comum o facto de implicarem ambos um aumento da tensão quantitativa em ψ . *No caso dos afectos, há uma libertação súbita*; no caso dos desejos, acumulação. Em relação à passagem da quantidade [nos neurónios, não em ψ , estes dois estados têm a maior importância, já que deixam atrás de si *forças motivadoras que afectam compulsivamente esta passagem*. Qualquer estado de desejo cria uma atracção em direcção ao objecto desejado e também em direcção à imagem mnemónica deste último; qualquer evento doloroso gera uma repulsa, uma tendência que se opõe ao investimento da imagem mnemónica hostil. Temos aqui uma *atração e uma defesa primárias*⁴³.

Memória e emoções

Também a reflexão de James permite situar as emoções numa relação com a memória, o juízo e a motilidade. Tal como o instinto, a emoção é um impulso. Ao invés daquele, no entanto, as transformações emocionais situam-se no corpo, enquanto que os instintos se prolongam na acção, na relação com os objectos que os suscitam. Emoções e instintos vão participar na génese de uma valoração originária do mundo e ambos têm, como em Freud, um papel na formação do entendimento comum essencial à vida moral e à vida política. «As reacções instintivas e as expressões emocionais confundem-se imperceptivelmente. Qualquer objecto que excita um instinto excita também uma emoção. As emoções, no entanto, são menos importantes que os instintos, no sentido em que a reacção emocional termina habitualmente no corpo do sujeito, enquanto que a reacção instintiva está apta a ir além e a *entrar numa relação prática com o objecto excitante*⁴⁴». Se emoção e instinto são ambos impulsos, é mais vasta, no entender de James, a classe da emoção do que a dos impulsos instintivos, porque «os seus estímulos são mais numerosos, e as suas expressões são mais internas e delicadas, e frequentemente menos práticas. *O plano fisiológico e a essência das duas classes de impulsos, no entanto, é a mesma*⁴⁵».

Tal como Freud no-lo dá a entender, também James nos permite entender que os objectos da emoção não são só os da percepção. É esta a razão pela qual a dimensão estética das emoções (no sentido em que estão intimamente enlaçadas com a *aisthesis*) é um elemento essencial das formas de arte. «Para os instintos, tal como para as emoções, *a mera memória ou imaginação do objecto* pode ser suficiente para libertar a excitação», escreve James, acrescentando que o «objecto da emoção quer indiferentemente dizer um objecto que está presente fisicamente ou meramente no qual se pensa [ou que é representado]⁴⁶». Por exemplo, «podemos irritar-nos mais ao pensar num insulto do que no momento em que o recebemos». E James escreve, de uma forma que lembra Freud e a sua descrição dos traços mnésicos, que «o impulso [que suscita a emoção] no seu caminho através do cérebro rumo ao centro vaso-motor é diferentemente influenciado pelas

⁴³ FREUD, *Esquise*, op. cit., p. 339.

⁴⁴ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 442.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibid.*

diferentes impressões anteriores sob a forma de lembranças ou de associações de ideias⁴⁷» e sublinha o que há de singular no traçado dos percursos associativos que partem dos objectos e levam à acção reflexa, no sentido em que «tanto quanto à sua constituição como quanto aos objectos que as provocam, não há limite para o número de reacções possíveis que possam existir, já que «não há nada sacramental ou eternamente fixo na acção reflexa. Qualquer tipo de efeito reflexo é possível, e os reflexos variam indefinidamente, como sabemos»⁴⁸. Mas variam, acrescentaria Freud, em função do traçado associativo que suscitam. E, da mesma forma que Freud nos diz que a dor ou a satisfação reproduzidos não são iguais à dor ou à satisfação sentidos pela primeira vez, da mesma forma James nos diz que a emoção, conservada na memória é inferior àquela que foi inicialmente experienciada. No entanto, o objecto rememorado, pensado ou imaginado pode causar uma emoção igualmente forte àquela que causou a sua presença exterior.

A revivência das emoções na memória, como a dos sentimentos dos sentidos mais baixos, é muito pequena. Podemos lembrar que passámos pela dor ou pelo arrebatamento, mas não como eram a dor ou o arrebatamento. Esta difícil revivência ideal é, no entanto, mais do que compensada no caso das emoções por uma revivência actual muito fácil. Isto é, podemos produzir, não lembranças da dor ou do arrebatamento antigos, mas novas dores e arrebatamentos, convocando um pensamento vivo da sua causa excitante. [...] A vergonha, o amor e a raiva são particularmente *susceptíveis de ser revividos pelas ideias dos seus objectos*⁴⁹.

Reencontramos, desta forma, o modo como as emoções mais subtis estão fundadas em emoções mais grosseiras, de prazer ou de dor. É interessante notar que, como no texto de Freud, estas formas afectivas inultrapassáveis são a raiz de formas sociais mais complexas. James, tal como Freud, dá o exemplo daquilo a que ele chama *emoções por analogia* que mostram como as reacções impulsivas baseadas no prazer e na dor se perpetuam em formas de avaliação do mundo e dos seus objectos, a nível moral, estético ou simplesmente lógico. «O gesto habitual de negação – entre nós, o facto de mover a cabeça no seu eixo, de um lado para o outro – é uma reacção originariamente usada pelos bebés para impedir o que é desagradável de lhes chegar à boca e pode ser perfeitamente observada em qualquer creche. É agora evocada onde o estímulo não é uma ideia bem vinda. De forma semelhante o aceno para a frente na afirmação é feito por analogia com o levar comida à boca⁵⁰». Outro exemplo daquilo a que dá o nome de emoção por analogia mostra «a conexão entre a expressão de desdém ou de desagrado moral ou social, especialmente nas mulheres, com movimentos que têm uma função olfactiva perfeitamente definida [e que] é demasiado óbvia para ser comentada⁵¹».

⁴⁷ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 454.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*, p. 474.

⁵⁰ JAMES, *Principles of Psychology*, op. cit., p. 481.

⁵¹ *Ibid.*, p. 482. A este propósito, é interessante notar que encontramos, na investigação de Freud, uma aproximação semelhante à de James. O texto do Esquizzo já no-la deixa adivinhar, mas só quase trinta anos mais tarde é que Freud indicará explicitamente as raízes afectivas do juízo. O texto a que nos referimos, com data de 1925, encontra-se fora do âmbito inicial da nossa análise, mas merece a atenção de quem se interessa pelas origens fisiológicas das formas de afirmação e de negação, tal como as encontramos verbalmente. Trata-se de *Die Verneinung*.

Emoções, estética e compreensão mútua

Apesar das diferenças individuais em termos de resposta emocional ao que acontece, podemos compreender as emoções dos outros por intermédio das transformações que trazem ao nosso próprio corpo. A existência desta reverberação, reveladora de uma empatia originária que faz parte da percepção no sentido em que a emoção é uma componente da actividade perceptiva, não só não resulta de uma escolha (se bem que possa ser ampliada, afinada, aumentada) como nos permite inferir que parece difícil afirmar de forma convincente qualquer forma de indiferença ou de profunda incompreensão entre pessoas. A dor alheia, como o prazer, provocam em cada um uma réplica da dor ou do prazer já sentido de modo que, apesar das diferenças (nomeadamente entre o próprio e outrem), a estrutura emocional de cada um assenta nas mesmas formas simples de expressão do prazer e da dor que a vida de cada um partilha com outros e declina de forma singular. O sentimento emocional de nós-próprios, é e pode ser (sobretudo pelas formas artísticas) clarificado pelo sentimento dos outros, e o sentimento dos outros, para cada um de nós, é clarificado pela vivência emocional própria. Pela reverberação emocional que os caracteriza, as obras de arte e as experiências estéticas evidenciam a dimensão empática e intersubjectiva da nossa vida emocional, permitindo-nos reconhecermo-nos e descobriremo-nos a nós próprios e a outros como seres vivos emocionais. As emoções implicadas na vida estética (em ambos os sentidos que referimos) têm por isso um papel moral e político fundamental, não só porque nos permitem sentir que os outros sentem prazer ou dor, mas também porque a sua dimensão virtual e imaginária (que decorre do facto da vida dos instintos e das emoções poder ter lugar apesar da ausência dos objectos perceptivos) torna possível uma transformação das reacções instintivas de uma sujeito, tendo assim a capacidade para mudar a sua forma de vida e os valores que a exprimem. As emoções parecem assim revelar o que têm de inultrapassável a nossa abertura afectada ao mundo e a maneira como somos surpreendidos por dentro por aquilo que acontece “fora” de nós, no mundo em que se vive e existe.

É desta forma que as formas de arte, segundo a análise de James, tem uma importância tremenda na revelação das respostas emocionais implicadas na nossa percepção do mundo. Por meio da arte, somos situados na evidência surpreendente das raízes afectivas da nossa relação com realidades internas e externas e as experiências estéticas dão-nos a entender que as percepções e os eventos produzem de facto efeitos físicos largamente difundidos por uma espécie de influência física imediata. «Ao ouvirmos poesia, drama, ou uma narrativa heróica, somos amiúde surpreendidos pelo tremor físico que nos banha como uma vaga súbita, e pelo bater de coração e a efusão lacrimal que nos apanha por intervalos. Ao ouvir música isto é ainda mais verdade⁵²». É neste sentido, também, que as formas de arte nos dão um acesso imediato à variedade subtil das emoções e à nossa capacidade de as entender. A estética das emoções e a filosofia dos afectos deixam também adivinhar, por isso, uma ontologia da simpatia, para a qual tanto James como Freud nos dão robustos fundamentos, bem antes dos trabalhos de António Damásio e das teses de Gallese sobre a importância dos neurónios espelho para a simpatia.

⁵² *Ibid.*, p. 457.